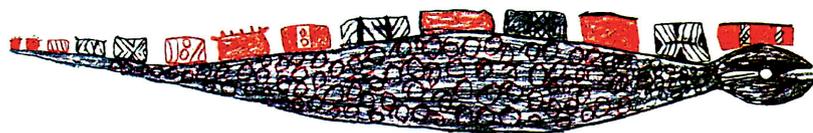


The background of the cover features a light yellow map of the Amazon basin. Overlaid on the map are two ceramic artifacts. The top-left artifact is a fragment with a spiral design and a bird-like figure. The bottom-left artifact is a larger fragment with a spiral design and a bird-like figure. A red horizontal band is positioned across the middle of the cover, containing the title and subtitle.

CERÂMICAS ARQUEOLÓGICAS DA AMAZÔNIA

Rumo a uma nova síntese

CRISTIANA BARRETO
HELENA PINTO LIMA
CARLA JAIMES BRITANCOURT
ORGANIZADORAS



CERÂMICAS ARQUEOLÓGICAS DA AMAZÔNIA

Rumo a uma nova síntese

CRISTIANA BARRETO
HELENA PINTO LIMA
CARLA JAIMES BETANCOURT
Organizadoras

IPHAN | MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI | 2016

CRÉDITOS

Presidenta da República do Brasil

DILMA ROUSSEF

Ministro de Estado da Cultura

JUCA FERREIRA

Presidente do Instituto do Patrimônio

Histórico e Artístico Nacional

JUREMA DE SOUZA MACHADO

Diretoria do Iphan

MARCOS JOSÉ SILVA RÉGO

ANDREY ROSENTHAL SCHLEE

TT CATALÃO

LUIZ PHILIPPE PERES TORELLY

Coordenação Editorial

SYLVIA MARIA BRAGA

Projeto Gráfico

RARUTI COMUNICAÇÃO E DESIGN/CRISTIANE DIAS

Ministro da Ciência, Tecnologia e Inovação

CELSO PANSERA

Diretor do Museu Paraense Emílio Goeldi

NILSON GABAS JÚNIOR

Coordenadora de Pesquisa e Pós-Graduação

ANA VILACY GALÚCIO

Coordenadora de Comunicação e Extensão

MARIA EMÍLIA DA CRUZ SALES

Coordenação Editorial

NÚCLEO EDITORIAL DE LIVROS

Produção Editorial

IRANEIDE SILVA

ANGELA BOTELHO

Design Gráfico

ANDRÉA PINHEIRO

(CAPA E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA)

Editora Assistente

TEREZA LOBÃO

Fotos: Cristiana Barreto, Edithe Pereira, Glenn Shepard, Sivia Cunha Lima; Wagner Souza

Imagem da capa: Vaso da cultura Santarém, acervo Museu Paraense Emílio Goeldi. Foto: Glenn Shepard.



Cobra-canoa (*kalamu hai*)

(desenho de Aruta Wauja, 1998; Coleção Aristóteles Barcelos Neto).

Kalamu Hai é a gigantesca cobra-canoa que apareceu para os Wauja, há muito tempo, oferecendo-lhes a visão primordial de todos os tipos de panelas cerâmicas, o que lhes conferiu o conhecimento exclusivo sobre a arte oleira. As panelas chegaram navegando e cantando sobre o dorso da grande cobra que antes de ir embora defecou enormes depósitos de argila ao longo do rio Batovi para que eles pudessem fazer sua própria cerâmica. Segundo o mito, esta é a razão pela qual apenas os Wauja sabem fazer todos os tipos de cerâmica (Barcelos Neto, 2000).

Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese / Cristiana Barreto, Helena Pinto Lima, Carla Jaimes Betancourt, organizadoras. Belém : IPHAN : Ministério da Cultura, 2016.

668 p.: il.

ISBN 978-85-61377-83-0

1. Cerâmica – Brasil - Amazônia. 2. Cerâmicas Arqueológicas. I. Barreto, Cristiana. II. Lima, Helena Pinto. III. Betancourt, Carla Jaimes.

CDD 738.098115

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO DO IPHAN - Andrey Rosenthal Schlee	8
APRESENTAÇÃO DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI - Nilson Gabas Jr.	9
PREFÁCIO - Michael Joseph Heckenberger	10
INTRODUÇÃO - Cristiana Barreto, Helena Pinto Lima, Carla Jaimes Betancourt	12
INTRODUCCIÓN - Cristiana Barreto, Helena Pinto Lima, Carla Jaimes Betancourt	14
PARTE I - A HISTÓRIA MOLDADA NOS POTES: INTRODUÇÃO A UMA LONGA VIAGEM	17
NOVOS OLHARES SOBRE AS CERÂMICAS ARQUEOLÓGICAS DA AMAZÔNIA Helena Pinto Lima, Cristiana Barreto, Carla Jaimes Betancourt	19
NÃO EXISTE NEOLÍTICO AO SUL DO EQUADOR: AS PRIMEIRAS CERÂMICAS AMAZÔNICAS E SUA FALTA DE RELAÇÃO COM A AGRICULTURA Eduardo Góes Neves	32
TIPOS CERÂMICOS OU MODOS DE VIDA? ETNOARQUEOLOGIA E AS TRADIÇÕES ARQUEOLÓGICAS CERÂMICAS NA AMAZÔNIA Fabíola Andréa Silva	40
QUADRO CRONOLÓGICO DOS COMPLEXOS CERÂMICOS DA AMAZÔNIA	50
MAPA ARQUEOLÓGICO DOS COMPLEXOS CERÂMICOS DA AMAZÔNIA	51
PARTE II - SUBINDO O AMAZONAS NA COBRA CANOA	53
II.1. NORDESTE AMAZÔNICO	54
LA CERÁMICA DE LAS GUYANAS Stéphen Rostain	55
LA TRADICIÓN ARAUQUINOÍDE EN LA GUYANA FRANCESA: LOS COMPLEJOS BARBAKOEBA Y THÉMIRE Claude Coutet	71
OS COMPLEXOS CERÂMICOS DO AMAPÁ: PROPOSTA DE UMA NOVA SISTEMATIZAÇÃO João Darcy de Moura Saldanha, Mariana Petry Cabral, Alan da Silva Nazaré Jelly Souza Lima, Michel Bueno Flores da Silva	86
“C’EST CURIEUX CHEZ LES AMAZONIENS CE BESOIN DE FAIRE DES VASES”: ALFARERAS PALIKUR DE GUYANA Stéphen Rostain	97
O QUE A CERÂMICA MARAJOARA NOS ENSINA SOBRE FLUXO ESTILÍSTICO NA AMAZÔNIA? Cristiana Barreto	115
A CERÂMICA MINA NO ESTADO DO PARÁ: OLEIRAS DAS ÁGUAS SALOBRAS DA AMAZÔNIA Elisângela Regina de Oliveira, Maura Imazio da Silveira	125
A CERÂMICA MINA NO MARANHÃO Arkley Marques Bandeira	147
O COMPLEXO CERÂMICO DAS ESTEARIAS DO MARANHÃO Alexandre Guida Navarro	158

II.2. BAIXO AMAZONAS E XINGU	170
ARQUEOLOGIA DOS TUPI-GUARANI NO BAIXO AMAZONAS Fernando Ozorio de Almeida	171
CERÂMICAS E HISTÓRIAS INDÍGENAS NO MÉDIO-BAIXO XINGU Lorena Garcia	183
CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE A CERÂMICA ARQUEOLÓGICA DA VOLTA GRANDE DO XINGU Letícia Morgana Müller, Renato Kipnis, Maria do Carmo Mattos Monteiro dos Santos, Solange Bezerra Caldarelli	196
CERÂMICAS ARQUEOLÓGICAS DA FOZ DO XINGU: UMA PRIMEIRA CARACTERIZAÇÃO Helena Pinto Lima, Glenda Consuelo Bittencourt Fernandes	210
CERÂMICA E HISTÓRIA INDÍGENA DO ALTO XINGU Joshua R. Toney	224
CERÂMICAS DA CULTURA SANTARÉM, BAIXO TAPAJÓS Joanna Troufflard	237
CERÂMICA SANTARÉM DE ESTILO GLOBULAR Márcio Amaral	253
AS CERÂMICAS DOS SÍTIOS A CÉU ABERTO DE MONTE ALEGRE: SUBSÍDIOS PARA A ARQUEOLOGIA DO BAIXO AMAZONAS Cristiana Barreto, Hannah F. Nascimento	262
CERÂMICAS POCÓ E KONDURI NO BAIXO AMAZONAS Lílian Panachuck	279
II.3. AMAZÔNIA CENTRAL	288
AS CERÂMICAS SARACÁ E A CRONOLOGIA REGIONAL DO RIO URUBU Helena Pinto Lima, Luiza Silva de Araújo, Bruno Marcos Moraes	289
AS CERÂMICAS AÇUTUBA E MANACAPURU DA AMAZONIA CENTRAL Helena Pinto Lima	303
CONTEXTO E RELAÇÕES CRONOESTILÍSTICAS DAS CERÂMICAS CAIAMBÉ NO LAGO AMANÃ, MÉDIO SOLIMÕES Jaqueline Gomes, Eduardo Góes Neves	321
UMA MANEIRA ALTERNATIVA DE INTERPRETAR OS ANTIPLÁSTICOS E A DECORAÇÃO NAS CERÂMICAS AMAZÔNICAS Claide de Paula Moraes, Adília dos Prazeres da Rocha Nogueira	334
A TRADIÇÃO POLÍCROMA DA AMAZÔNIA Jaqueline Belletti	348
A FASE GUARITA NOS CONTEXTOS DO BAIXO RIO SOLIMÕES Eduardo Kazuo Tamanaha	365
A SERPENTE DE VÁRIAS FACES: ESTILO E ICONOGRAFIA DA CERÂMICA GUARITA Erêndira Oliveira	373

II.4. SUDOESTE DA AMAZÔNIA	484
VARIABILIDADE CERÂMICA E DIVERSIDADE CULTURAL NO ALTO RIO MADEIRA Silvana Zuse	385
A CERÂMICA POLÍCROMA DO RIO MADEIRA Fernando Ozório de Almeida, Claide de Paula Moraes	402
CERÂMICAS DO ACRE Sanna Saunaluoma	414
A FASE BACABAL E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A INTERPRETAÇÃO DO REGISTRO ARQUEOLÓGICO NO MÉDIO RIO GUAPORÉ, RONDÔNIA Carlos A. Zimpel, Francisco A. Pugliese Jr.	420
DOS FASES CERÂMICAS DE LA CRONOLOGÍA OCUPACIONAL DE LAS ZANJAS DE LA PROVINCIA ITÉNEZ – BENI, BOLIVIA Carla Jaimes Betancourt	435
CONTINUIDADES Y RUPTURAS ESTILÍSTICAS EN LA CERÂMICA CASARABE DE LOS LLANOS DE MOJOS Carla Jaimes Betancourt	448
II.5. ALTA AMAZÔNIA	462
TRAS EL CAMINO DE LA BOA ARCOÍRIS: LAS ALFARERÍAS PRECOLOMBINAS DEL BAJO RÍO NAPO Manuel Arroyo-Kalin, Santiago Rivas Panduro	463
LA CERÂMICA DE LA CUENCA DEL PASTAZA, ECUADOR Geoffroy de Saulieu, Stéphen Rostain, Carla Jaimes Betancourt	480
CERÂMICA ARQUEOLOGICA DE JAEN Y BAGUA, ALTA AMAZONIA DE PERU Quirino Olivera Núñez	496
COMPLEJO CERÂMICO: MAYO CHINCHIPE Francisco Valdez	510
LA CERÂMICA DEL VALLE DEL UPANO, ECUADOR Stéphen Rostain	526
PARTE III - PARA SEGUIR VIAGEM: REFERÊNCIAS PARA A ANÁLISE DAS CERÂMICAS ARQUEOLÓGICAS DA AMAZÔNIA	541
A CONSERVAÇÃO DE CERÂMICAS ARQUEOLÓGICAS DA AMAZÔNIA Silvia Cunha Lima	543
GLOSSÁRIO	551
Processos tecnológicos	553
Denominações formais e funcionais das cerâmicas	568
Contextos arqueológicos das ocupações ceramistas	581
Conceitos e categorias classificatórias	589
REFERÊNCIAS	603
ÍNDICE ONOMÁSTICO	654
AGRADECIMENTOS	659
SOBRE OS AUTORES E SUAS PESQUISAS	661



A FASE BACABAL E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A INTERPRETAÇÃO DO REGISTRO ARQUEOLÓGICO NO MÉDIO RIO GUAPORÉ, RONDÔNIA

Carlos A. Zimpel
Francisco A. Pugliese Jr.

RESUMEN

La fase Bacabal y sus consecuencias para la interpretación del registro arqueológico en el medio río Guaporé, Rondônia. En este artículo se presenta el actual estado de investigación a respecto de la fase cerámica Bacabal, creada por el arqueólogo brasileño Eurico Miller a inicios de los años noventa para clasificar la alfarería encontrada en yacimientos arqueológicos relacionados a las áreas de bañado del suroeste de la Amazonia, en el medio curso de la cuenca del río Guaporé, en la frontera entre Brasil y Bolivia. Las fechas para la fase Bacabal abarcan desde ca. el 2000 aC hasta el 1000 d. C. Además, se discute la relación entre esta alfarería otros hallazgos alrededor y más allá del curso medio río Guaporé.

ABSTRACT

The Bacabal phase and its implications for the interpretation of the archaeological record of the middle Guaporé river basin, Rondônia. This article presents the state of the art of the studies about the Bacabal ceramic archaeological phase, created by the Brazilian archaeologist Eurico Miller in the early 1990's to classify the pottery found in archaeological sites related to wetlands in southwestern Amazon, more specifically the middle Guaporé river basin, in the border between Brazil and Bolivia. The dates for the Bacabal phase span from ca. 2000 BC until ca. 1000 AD and the relationship between this ceramic group and others found around and beyond middle Guaporé river is also discussed.

Introdução

O rio Guaporé está localizado na porção sudoeste da Amazônia, e seus cursos médio e baixo demarcam a fronteira entre o Brasil e a Bolívia. Também conhecido como Iteñez no país vizinho, é usualmente considerado como o limite leste da região arqueológica conhecida como Llanos de Mojos. É um dos muitos tributários do rio Madeira, o maior afluente do rio Amazonas, e suas cabeceiras são próximas à cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade, no estado do Mato Grosso, de onde percorre mais de 1.100 km em direção ao norte, até a sua confluência com o rio Mamoré, na porção norte da fronteira do estado de Rondônia com o território boliviano (Figura 1).

Iniciada em 1980, a pavimentação da rodovia que liga Cuiabá a Porto Velho possibilitou a colonização moderna do sudoeste amazônico e, como consequência, a região hoje tem liderado os índices de desflorestamento na Amazônia. Entretanto, devido a sua localização fronteiriça, à presença de terras indígenas, de comunidades remanescentes de quilombos e de outras formas de terras públicas, foram impedidas maiores devastações florestais, em comparação a outras áreas no estado de Rondônia. Atualmente, a vegetação da área é característica de floresta tropical, intercalada por extensas planícies inundáveis cobertas por gramíneas.

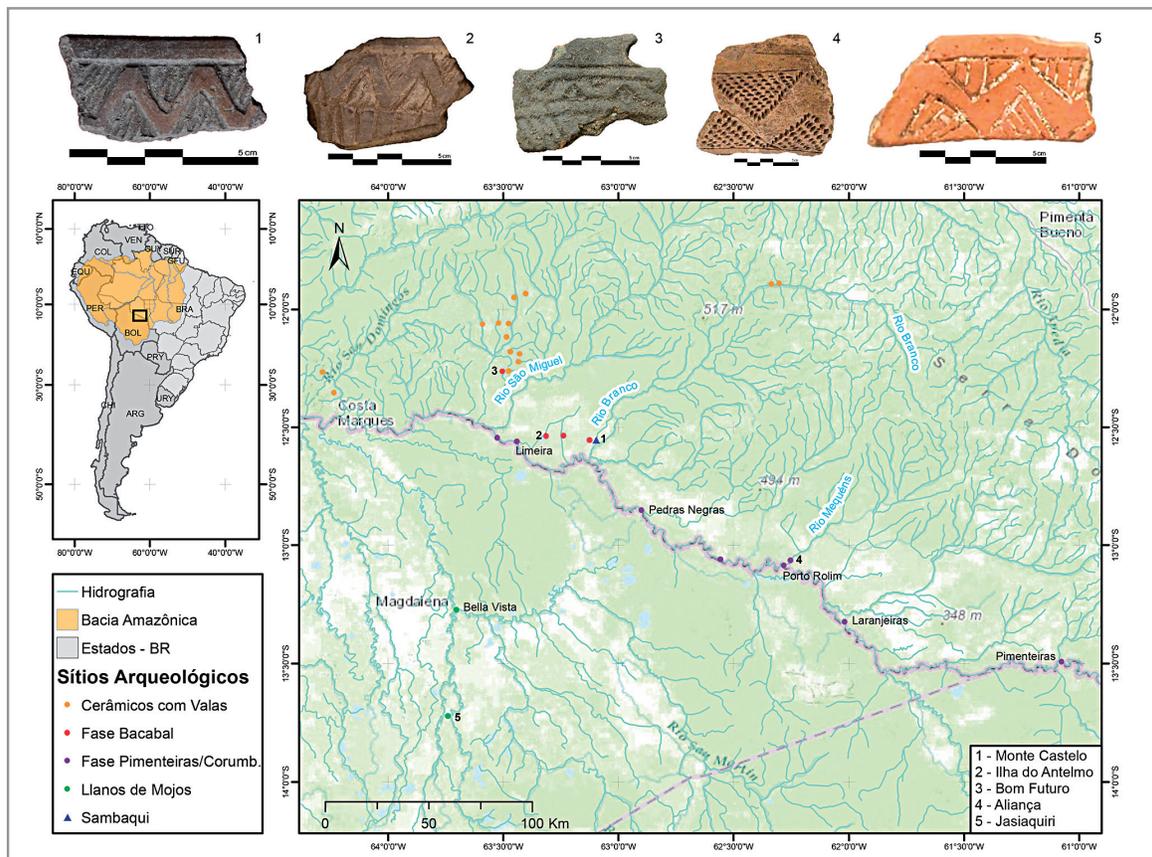


Figura 1. Mapa da localização de sítios arqueológicos no médio rio Guaporé, Rondônia, Brasil. Cerâmicas da fase Bacabal: Monte Castelo (1) Ilha do Antelmo (2) Bom Futuro (3) e outras encontradas em na região: Sítio Jasiaquiri (4: Jaimes Betancourt, 2014) Sítio Aliança (5: Jaimes Betancourt, 2011). Fonte: Datum WGS'84.

A bacia do rio Guaporé é um lugar onde foram registradas mais de 50 línguas diferentes. Essas línguas representam uma ampla diversidade de famílias linguísticas, além de grupos isolados e línguas não classificadas, sendo um dos pontos de maior divergência linguística da América do Sul. Arawak, Chapacura, Jabuti, Nambikwara, Pano e Tupi são as famílias registradas até o momento, além de outras 11 línguas isoladas. Para a linguística histórica, essa complexidade encontrada no presente pode ser resultado de diversas ondas populacionais que chegaram à região durante milênios (Crevels; van der Voort, 2009).

As primeiras notícias sobre a arqueologia do rio Guaporé foram divulgadas em Nordenskiöld (1912) e Becker-Donner (1956). Dados mais recentes foram produzidos pelas pesquisas coordenadas naquela região pelo arqueólogo Eurico Miller, que apresentou um significativo volume de informações (Miller, 1977, 1983, 1992a, 1992b, 2009b, 2013) resultantes de estudos desenvolvidos no âmbito do PRONAPABA (Simões, 1977, 1983; Simões; Lopes, 1987). Do lado boliviano, Dougherty e Calandra (1984-85 e 1985) e, mais recentemente, Jaimes Betancourt (2011), divulgaram informações mais detalhadas sobre coleções cerâmicas de diferentes pontos do rio Guaporé e de regiões bolivianas vinculadas à margem esquerda daquele rio.

Além da presença de sambaquis, no lado brasileiro da bacia têm sido registrados diversos sítios que possuem como características comuns a presença de Terra Preta de Índio (TPI) – frequentemente acompanhada de construções em terra, como valas circulares ou em arco – com camadas culturais que raramente ultrapassam 50 cm de espessura, além de enterramentos em urnas cerâmicas.

Para o sambaqui Monte Castelo, as ilhas de terra firme e os demais sítios espalhados pelo banhado, a cerâmica foi classificada como pertencente à fase Bacabal (Miller 1992b, 2009b), enquanto que para os sítios próximos à margem do médio rio Guaporé as cerâmicas foram classificadas segundo as fases Pimenteiras e Corumbiara (Miller, 1983). Neste capítulo vamos discorrer sobre o estado da arte da classificação cerâmica naquela região, apresentando as informações disponíveis e propondo uma nova abordagem a partir dos dados iniciais da pesquisa em curso¹.

Arqueologia no rio Guaporé

As primeiras pesquisas na região foram realizadas por Erland Nordenskiöld, que após percorrer os afluentes do lado boliviano do rio Guaporé – entre eles o rio Beni – coleta ou informações sobre os sítios arqueológicos no rio Mequéns, afluente do Guaporé em terras brasileiras. Na década de 1950, Becker-Donner (1956) também atuou na área e, de certa maneira, ambos os pesquisadores apontaram para uma uniformidade dos achados cerâmicos nos sítios do médio curso daquele rio, por meio do registro de recorrências nos motivos decorativos e na morfologia de alguns potes.

Após um período sem realização de pesquisas arqueológicas, a retomada dos trabalhos na região ocorre praticamente de forma concomitante no lado brasileiro e no lado boliviano – no estado de Rondônia e no departamento do Beni –, em áreas localizadas na porção média da bacia do rio Guaporé. Na Bolívia, Dougherty e Calandra (1984-85, 1985) realizaram escavações em diferentes sítios arqueológicos, criando cinco fases cerâmicas². Trata-se de sítios com a presença de TPI, em camadas de até 40 cm de espessura,

1. Projeto Médio Guaporé (PMG); Projeto Geoglifos e Sambaquis na Bacia do Médio Guaporé: uma proposta de levantamento arqueológico no sudoeste amazônico, desenvolvido pelo ArqueoTrop/MAE/USP, sob a coordenação de Eduardo Góes Neves e Francisco Antonio Pugliese Júnior (Portaria Iphan nº 05/2014).

2. Equijebe, Irobi, Bella Vista, Oricore e Canabasneca.

e que possuem construções em terra compostas por valas circulares que chegam a 5 m de profundidade e 10 m de largura. Segundo os autores, a cerâmica dessas fases apresenta a pasta temperada com cauxi e com chamote. A decoração predominantemente foi feita por incisões, por vezes muito finas, ocorrendo poucos adornos e tipos pintados. Foi registrado um enterramento em urna.

Esse cenário é muito semelhante ao que ocorre no Brasil, nos sítios onde foram descritas as fases Corumbiara e Pimenteiras, com características muito próximas às das fases de Dougherty e Calandra (1984-85, 1985). Dentre os sítios arqueológicos conhecidos do lado brasileiro, existem alguns pontos diferenciados em meio ao contexto homogêneo identificado na maioria deles, devido à antiguidade e à persistência dos testemunhos de ocupação. O Abrigo do Sol (Miller, 1977, 1987) e o sambaqui Monte Castelo (Miller, 1992b, 2009b) – localizados, respectivamente, no alto e no médio curso do rio Guaporé – remontam a uma jornada de pelo menos 10.000 anos de história. No Abrigo do Sol ocorrem conjuntos líticos compostos principalmente por seixos lascados e lascas brutas, mas também foram encontradas lâminas lascadas e polidas. Datas obtidas por Miller colocam as ocupações mais antigas daquele sítio entre 8.700 e 4.500 aC. Já o Sambaqui Monte Castelo é testemunho de ocupações cujas datações calibradas recuam cerca de 9.500 anos. A partir das camadas superiores do sambaqui (> -2,3m) são encontrados os vestígios cerâmicos atribuídos à fase Bacabal. Esta fase cerâmica possui datações calibradas entre 2.576 e 1.615 aC (Figura 2).

A fase Bacabal

O levantamento que vimos realizando na área tem confirmado o modelo de Miller (2009b), no qual os sítios arqueológicos relacionados à fase Bacabal ocupam áreas mais elevadas e aterros das planícies alagáveis do Pantanal do Guaporé, mas também tem demonstrado que as cerâmicas arqueológicas encontradas fora daquele ambiente – em áreas elevadas de São Francisco do Guaporé e até mesmo nos morros graníticos que se estendem ao sul da Serra da Cutia, já no município de Costa Marques – apresentam características compartilhadas com aquelas encontradas no pantanal. Os sítios típicos têm sido encontrados nas “ilhas” de terra firme, notadamente em locais com TPI e em aterros antrópicos, com material também ocorrendo com menos frequência em áreas com topografia favorável à ocupação sazonal – como locais mais altos que são habitáveis durante a estação seca e em cabeceiras de igarapés. No entanto, sítios relativamente distantes têm apresentado material assemelhado, não obstante estarem situados em áreas de ocorrência de padrões de assentamento distintos e de valas escavadas.

O sítio Ilha União é um bom exemplo de ocupação nas ilhas. Nas pesquisas realizadas durante o PRONAPABA foi encontrada uma dispersão de evidências por uma área elíptica, e os vestígios cerâmicos associados à fase Bacabal – assim como no sambaqui Monte Castelo – estão situados estratigraficamente acima de evidências líticas atribuídas ao período de ocupação pré-cerâmica da fase Cupim. Ocorrem estruturas compostas por aglomerados de material malacológico junto à TPI e líticos como: mão-de-pilão, mó, almofariz, lascas, percutor e nódulo de ferro com propriedade corante (Miller, 2009b).

Áreas topograficamente elevadas apresentam ocupações assemelhadas àquelas encontradas nos aterros antrópicos e os vestígios cerâmicos encontrados nesses locais são comumente associados a concentrações de palmeiras como o babaçu e o buriti, como é o caso da Ilha do Antelmo, outro típico sítio arqueológico associado à fase Bacabal.

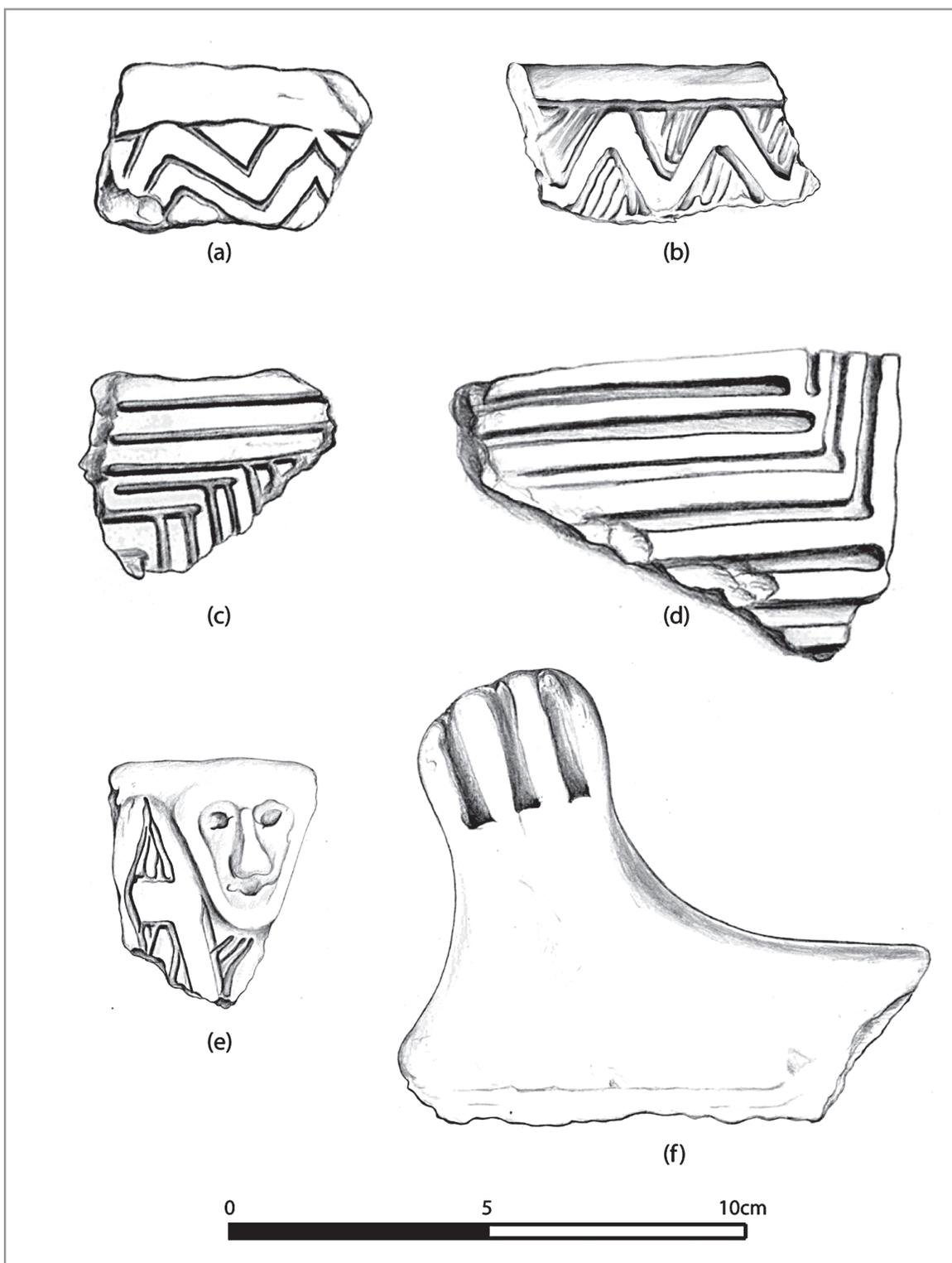


Figura 2. Cerâmica da fase Bacabal: a) Bacabal inciso; b) Bacabal exciso-inciso-hachurado; c, d) Inciso; e) Representação antropomorfa; f) Representação zoomorfa. Desenhos de Ubirajara Mello.

Entretanto, até o momento, o mais significativo testemunho arqueológico da história dos povos responsáveis pela formação do registro associado à fase Bacabal é, sem dúvida, o sambaqui Monte Castelo. Trata-se de um aterro construído, atualmente com dimensões aproximadas de 120 m de diâmetro e 6,30 m de altura, em que as camadas arqueológicas atestam diversos eventos construtivos ao longo de mais de 9.000 anos de ocupação. Há pacotes cuja matriz é composta primordialmente de solo antropogênico, enquanto em outros prevalece uma quantidade muito significativa de conchas de gastrópodes inteiras ou pouco fragmentadas e de outros vestígios zooarqueológicos (principalmente quelônios, cervídeos, roedores, diversas espécies de peixes, moluscos bivalves e alguns répteis). As camadas superiores apresentam alta densidade de evidências cerâmicas, muitas peças líticas e vários tipos de vestígios arqueobotânicos. Os sepultamentos são recorrentes; as covas são demarcadas com contornos ou aglomerações de conchas e contam com artefactual funerário associado³.

Fases Pimenteiras e Corumbiara

Na área de ocorrência das fases Pimenteiras e Corumbiara o maior volume de informações vem dos dados dos trabalhos de Miller (1977,1983,1992a, 1992b) e dos informes do PRONAPABA (Simões, 1977,1983) e Simões e Lopes (1987). Naquelas publicações foram identificadas diversas fases cerâmicas, mas somente as fases Pimenteiras e Corumbiara obtiveram uma descrição mais precisa, assim como datações absolutas divulgadas⁴.

Os sítios classificados como pertencentes a essas duas fases possuem características comuns, que vão desde o padrão de assentamento até elementos da tecnologia e da iconografia expressos na cerâmica. A distinção entre as fases é estabelecida a partir das diferenças na extensão dos assentamentos (onde os menores são encontrados nos sítios da fase Pimenteira), da maior variedade de tipos decorados na fase Corumbiara e da maior variedade morfológica dos tipos na fase Pimenteiras. Estas diferenças foram identificadas a partir dos resultados da seriação dos tipos cerâmicos encontrados em diversos sítios. Entretanto, a semelhança entre os dois conjuntos é apontada por Jaimes Betancourt (2011), que também acredita que, a partir dos dados divulgados, é possível identificar numa homogeneidade para a tecnologia cerâmica do médio rio Guaporé.

A fase Corumbiara possui 12 sítios com a presença de TPI e enterramentos, e área de dispersão de evidências sempre paralela ao rio. Os sítios possuem dimensões que variam entre 300 m e 900 m de comprimento e 150 m e 230 m de largura e a distribuição estratigráfica dos vestígios com profundidade sempre alcançando de 40 cm a 90 cm. Na fase Pimenteiras, as dimensões dos sítios variam entre 250 m e 600 m de comprimento e 80 m e 200 m de largura, com a profundidade variando de 20 a 50 cm. Nos sítios de ambas as fases são registradas valas escavadas, em sua maioria em forma de arco, geralmente ligando a área de ocorrência dos vestígios ao curso d'água mais próximo. Não são mencionados pelos pesquisadores maiores detalhes sobre essas construções, que por vezes são encontradas em grande quantidade, chegando a quatro estruturas em um só sítio (Miller 1983) (Figura 3).

3. A diacronia da longa sequência de ocupação do sítio é alvo do projeto de doutorado de um dos autores (FAPJ) e a descrição das suas camadas estratigráficas será publicada no momento oportuno.

4. Sucuri, Pirizal, Limeira e Guaporé.

Para essas fases também é apontada a presença de uma pasta elaborada com cauxi e cariapé, que aparece de forma isolada ou combinada. Os vasilhames são descritos como vasos, panelas e assadores, onde são encontrados, além dos tipos alisados, os tipos inciso, ponteados, filetes aplicados e modelados, ocorrendo isoladamente ou associados, e por vezes finalizados pela pintura branca. Os motivos descritos são paralelos, retilíneos e em zigue-zague, ocasionalmente complementados com estilos antropomorfos (Idem).

A partir da relação entre datações absolutas, seriações e elementos históricos, Miller pressupõe que os sítios dessas fases se situam cronologicamente entre 900-1700 AD.



Figura 3. Cerâmica da fase Corumbiara/Pimenteiras com motivos decorativos recorrentes. Fonte: Jaimes Betancourt (2011).

Interação entre as fases e quadro cronológico regional

A partir dos dados levantados e publicados até o momento é plausível afirmar que a cerâmica da fase Bacabal está incluída no contexto do aparecimento das primeiras culturas ceramistas na bacia amazônica. Trata-se de uma cultura arqueológica com datações que recuam mais de quatro milênios, e que compartilha elementos com os primeiros complexos cerâmicos conhecidos, notadamente em relação ao padrão de assentamento vinculado à exploração de recursos aquáticos, descrito tanto para a fase Mina (Bandeira, 2012) quanto para o baixo Xingu (Perota; Botelho, 1993) e para o sítio Taperinha (Roosevelt, 1991). Em todos esses sítios a tecnologia cerâmica apresenta um início repentino e um desaparecimento brusco, denotando pouca ou nenhuma relação de continuidade com as culturas arqueológicas subsequentes encontradas naquelas regiões.

Neste sentido, os dados aqui apresentados apontam para uma situação diferenciada no caso dos conjuntos arqueológicos da fase Bacabal, pois há indícios de que aquela fase cerâmica pode ter influenciado (ou até mesmo ser motivadora da ocorrência de) diversas outras indústrias cerâmicas que se situam no entorno da área de ocorrência dos sítios onde o material Bacabal tem sido encontrado. É interessante perceber que, além de haver sítios de significativa antiguidade localizados no alto e médio curso do rio Guaporé, em Rondônia está sendo construída uma sequência arqueológica em que dois locais distintos, porém próximos, iniciaram a produção de artefatos cerâmicos há 4.000 anos. Além da fase Bacabal, outro conjunto cerâmico situado entre Rondônia em Mato Grosso – mais especificamente entre os rios Machado e o Aripuanã – apresenta as datações mais antigas conhecidas para a cerâmica da tradição Tupiguarani. São dois conjuntos distintos, que possuem datações que recuam mais de quatro milênios e apresentam significativa continuidade na sequência de ocupação registrada arqueologicamente (Zimpel, 2009; Miller, 2009a).

Para Eurico Miller, a cerâmica da fase Bacabal tem vínculo direto com a cerâmica da cultura Valdívía do litoral do Equador. Além disso, a manifestação na cultura material relacionada a essa história de difusão de ideias não fica restrita à fase Bacabal. O autor ainda especula se a fase Bacabal pode ter se desenvolvido e se difundido para as áreas mais próximas do alto rio Guaporé e dali para o sul do Brasil, onde seria arqueologicamente representada pela tradição cerâmica Taquara/Itararé. Em relação ao presente trabalho, o que é mais significativo dentro da discussão desse modelo é a hipótese relacionada ao surgimento da fase Bacabal e de seu espraiamento para outras áreas próximas ao rio Guaporé, tanto em seu médio quanto em seu alto curso. Se, para o pesquisador, a cerâmica Valdívía chegou pelos Llanos de Mojos na Bolívia até o Pantanal do Guaporé, a fase Bacabal tem que estar representada em território boliviano por outros conjuntos cerâmicos ainda sem descrição divulgada.

Ainda segundo esse modelo, em áreas próximas ao alto curso do rio Guaporé, em locais de Cerrado e na encosta da Chapada dos Parecis, a cerâmica Bacabal influenciou as cerâmicas classificadas nas fases Aguapé, Poaia, Galera e Caju (Miller, 1975, 1977, 1987; Puttkamer, 1979) e, segundo Lima (2010), pela cerâmica conhecida como Capão do Canga (Miller, 2013: 349-350). Das fases arqueológicas conhecidas naquela região, as que possuem descrições e datações radiocarbônicas divulgadas são a Poaia, a Aguapé e a Galera (Figura 4). No alto rio Guaporé, estas são as cerâmicas mais próximas cronologicamente daquelas ocupações da fase Bacabal. A pasta das fases Poaia e Aguapé é composta de antiplástico de cariapé, associado a outros elementos não descritos. São apresentados vasos globulares e tigelas rasas, com alisamento e

decoreção incisa, motivos com linhas paralelas, curvas e em zigue-zague. As datas calibradas para as fases as situam entre 300 aC e o século II, sendo que a fase Aguapé é estratigraficamente superior à fase Poaia. Com características muito semelhantes às fases Poaia e Aguapé, Wüst (2001) descreve, também para o alto rio Guaporé, um conjunto cerâmico denominado Guapé, que possui motivos de linhas cruzadas na borda, por vezes ocorrendo concomitantemente motivos zoomorfos que podem estar relacionados a representações estilizadas de rãs. As datações ficam em torno dos séculos XIV e XVII.

Em relação à cerâmica da fase Galera, o seu registro ocorre em sítios a céu aberto, com a presença de enterramentos em urna e em abrigo-sob-rocha, na encosta da Chapada dos Parecis, ao longo do rio Galera. Situada cronologicamente entre os séculos IX e XIV, o padrão de assentamento é associado à presença de TPI, mas infelizmente ainda são inéditas as informações sobre a profundidade, a extensão ou a morfologia dos sítios arqueológicos. A decoreção da cerâmica apresenta incisões em linhas finas, com motivos horizontais e verticais em linhas retas; linhas inclinadas escalonadas; combinação de linhas retas e escalonadas em conjuntos espaçados entre si, com gravados zoomorfos; losangos e meio-losangos alternados e contínuos, com uma cruz puntiforme no centro; cruzeta simples e complexa; destaca-se o retoque branco sobre o inciso e os emblemas; ocorrendo vasos antropomorfos, pesos-de-fuso e pendentes (Miller, 2013b: 359).

A aproximação entre a fase Bacabal e as outras fases cerâmicas descritas para o alto Guaporé foi feita a partir da avaliação e da comparação dos dados sobre o tratamento de superfície e sobre os tipos decorados e seus motivos, “por serem estas variáveis as mais diagnósticas para a avaliação de traços culturais entre culturas doadoras e receptoras” (Miller, 2013b: 353). Os resultados indicam que a maior quantidade de analogias entre os tipos decorados da cerâmica Valdívia é mesmo encontrada na fase Bacabal, mas que a fase Aguapé também compartilha traços daquela tecnologia cerâmica, que teria vindo de tão longe. Contudo, essas comparações ficam restritas às fases do alto rio Guaporé. Sobre o médio curso, Miller interpreta de maneira sucinta que pode ter ocorrido uma assimilação dos grupos ceramistas Bacabal por povos portadores da cerâmica Corumbiara/Pimenteiras:

Os ceramistas das fases Pimenteiras e Corumbiara teriam ocupado as barrancas de terra firme do rio Guaporé e posteriormente as ilhas de terra firme onde ocupavam os ceramistas Bacabal, que são absorvidos com o tempo. (Miller, 2009b: 113).

Na sua análise, Miller não aponta diretamente como teria ocorrido essa “absorção”. Entretanto, nas fases descritas acima há certas características que parecem ser indícios de interações ocorridas entre as ocupações daquele período, não só em território brasileiro, como também no lado boliviano.

Neste sentido, Jaimes Betancourt (2011) contribui significativamente com a apresentação da cerâmica dos Llanos de Mojos (Jaimes Betancourt, 2003, 2011), pois, a partir dos dados da coleção reunida por Nordenskiöld no início do século XX (proveniente de locais onde Miller escavou décadas depois), a pesquisadora consegue estabelecer comparações entre as cerâmicas dos lados esquerdo e direito da bacia do rio Guaporé. Para esta arqueóloga, é pertinente considerar que houve o compartilhamento de atributos da iconografia cerâmica – poucos elementos são relacionados por comparações das morfologias e da composição das pastas – entre os sítios do lado boliviano e do lado brasileiro.

No presente trabalho, busca-se investigar de forma experimental, se as diferenças nos conjuntos cerâmicos são resultantes da variabilidade cultural no passado ou de diferenças cronológicas. A comparação dos traços em comum perpassa pelas comparações dos motivos estilísticos e estabelece uma relação de compartilhamento de traços culturais. Os sítios do médio rio Guaporé e dos Llanos de Mojos orientais

têm em comum não só elementos decorativos impressos na cerâmica, mas também características relacionadas ao padrão de assentamento, uma vez que o registro arqueológico daquelas áreas possui semelhanças nesse sentido: os sítios são sempre rasos (os mais típicos são encontrados com a TPI apresentando cerca de 50 cm de espessura), com estruturas em terra de formas variadas, e que aparecem tardiamente no contexto arqueológico regional, por volta do século X.

Dentro das coleções dos sítios comparados por Jaimes Betancourt (2011) é recorrente encontrarem-se fragmentos que fogem do padrão decorativo predominante no médio Guaporé, mas que podem ser comparados a cerâmicas de outras partes da bacia. Quanto ao sítio Bella Vista, apresenta informações sobre tipos decorativos de diferentes partes do Guaporé, que são encontrados no conjunto cerâmico daquele assentamento. A partir da coexistência dessas cerâmicas em diversos sítios e das evidências arqueológicas que levam a interpretá-los como assentamentos unicomponenciais, a pesquisadora afirma que as diferenças nos complexos cerâmicos não são cronológicas e podem ser interpretadas como testemunhos de contatos, trocas e influências.

Sendo assim, para Jaimes Betancourt (2011, 2014), o mosaico cultural encontrado nos Llanos orientais pode ser mais complexo que as diferenças encontradas nas construções em terra documentadas, e a cerâmica pode ter um papel fundamental para decifrar este código. Segundo a autora, a construção das zanjas não foi somente um fenômeno tardio, mas também um processo multicultural.

Portanto, ao considerarem-se as relações entre as fases cerâmicas descritas acima, de maneira geral, existem duas hipóteses estabelecidas: 1) os sítios Bacabal apresentam correlações, a partir da comparação de atributos estilísticos na cerâmica com sítios do alto rio Guaporé (Miller, 2013); 2) os sítios do médio Guaporé apresentam correlações estilísticas com a cerâmica dos sítios localizados nos Llanos de Mojos orientais (Jaimes Betancourt, 2011). Entretanto, uma questão permanece pouco explorada: entre o alto e o médio Guaporé existem elementos ou traços estilísticos que possibilitem o estabelecimento de correlações entre os sítios? Há relação entre a cerâmica encontrada nas ilhas de terra firme adjacentes ao rio – fase Corumbiara e Pimenteiras – e a fase Bacabal? Como visto, aparentemente as hipóteses correntes apontam para a direção contrária.

As comparações feitas por Miller (2009a, 2013) são voltadas para a avaliação dos tipos decorados – a tecnologia cerâmica, a morfologia dos potes e o padrão de assentamento não foram relevantes para o autor naquele momento. Entretanto, se avaliarmos estes parâmetros, percebe-se que podem ter no ocorrido relações entre a fase Bacabal e as demais fases do médio e alto Guaporé, e até mesmo em rincões mais distantes, já em solo boliviano. Essas interações dizem respeito – além dos motivos iconográficos – à tecnologia cerâmica e aos padrões de assentamento que vêm sendo investigados.

Primeiramente, é notável que elementos iconográficos ocorrentes na fase Bacabal também ocorrem nas fases Corumbiara e Pimenteiras. O motivo mais recorrente da fase Bacabal, classificado como Bacabal Exciso (Figura 1,1; Figura 2a), aparece em diversos conjuntos descritos no lado brasileiro e nos Llanos de Mojos (Figura 5). O motivo Bacabal Exciso e suas variantes incisas ocorrem comumente em sítios da região, além de também ocorrerem como pintura nos Llanos de Mojos centrais e no Pantanal mato-grossense, mais especificamente na tradição Descalvados, onde há um padrão de assentamento muito semelhante ao verificado nas planícies encharcadas do Guaporé (Migliacio, 2006). É fato que a utilização desse elemento estilístico teve uma distribuição muito ampla, que não foi restrita à bacia do rio Guaporé.

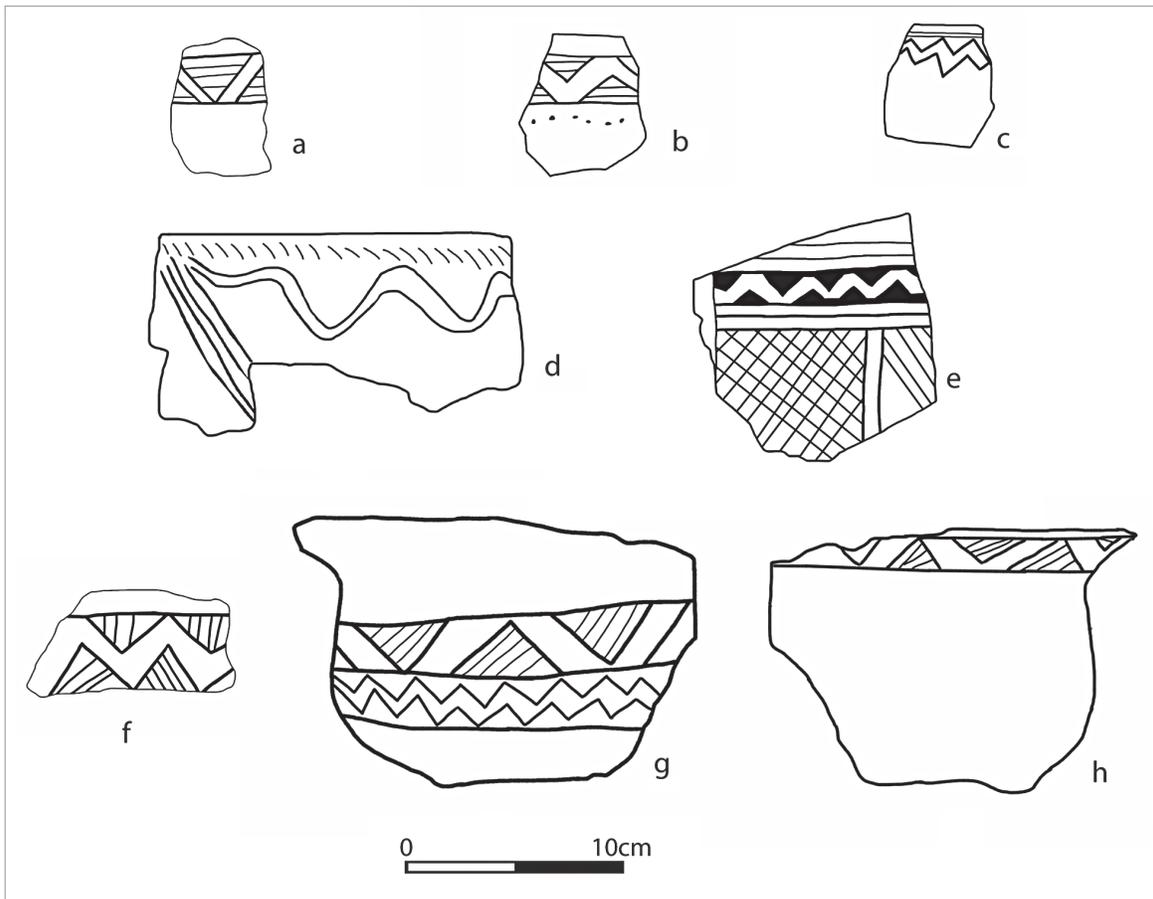


Figura 5. Ocorrência do motivo decorativo recorrente na fase Bacabal – Bacabal inciso e Bacabal exciso – e suas idiossincrasias nas fases Corumbiara e Pimenteiras – Sítio Aliança (a, b, c); Bolívia: Sítio Loma Mendoza (d); Sítio Jasiaquiri (f-h); Pantanal do Mato-Grosso, tradição Descalvados (e). Com exceção da figura (e), que tem o motivo representado em pintura vermelha sobre engobo branco, as demais são representadas a partir da técnica de decoração plástica. Figura elaborada a partir de imagens de publicações de Miller (1983), Jaimes Betancourt (2014), Prümmers (2014) e Migliacio (2006).

É significativo o fato de que um elemento muito comum na cerâmica Bacabal apresente essa vasta recorrência e que, além dos sítios das fases Galera, Poaia e Aguapé, também esteja presente nos contextos de sítios com estruturas construídas em terra. Porém, motivos iconográficos e padrões de assentamento assemelhados entre si não implicam necessariamente que os conjuntos arqueológicos onde se inserem essas indústrias cerâmicas apresentem similaridades tão evidentes. Este não é o caso dos sítios com estruturas em terra do sudoeste da Amazônia.

As cerâmicas das fases Corumbiara e Pimenteiras possuem uma característica em sua pasta que pode ser determinante para evidenciar uma possível relação entre esses conjuntos e a fase Bacabal. Na sequência seriada dos tipos cerâmicos encontrados por Miller (1983: 371-374) está presente, em todos os níveis escavados, alguma evidência de cerâmica com cariapé, o que na fase Bacabal é encontrado somente a partir de 2.000 AP. Essa data marca a concomitância entre as ocupações do sambaqui e dos sítios na margem do rio Guaporé. Na sequência seriada percebe-se, ainda, que mesmo com o aparecimento do cariapé, os motivos decorativos da fase Bacabal continuam sem grandes mudanças

e, como demonstramos anteriormente, alguns elementos iconográficos clássicos da fase Bacabal estão presentes nas fases Corumbiara e Pimenteiras⁵.

Uma das datas apresentadas por Miller para o século III AD (Miller, 1983: 190) relativa à fase Pimenteiras (que pesquisador considera demasiadamente antiga para o conjunto) deve ser reavaliada, em virtude do expressivo compartilhamento de atributos entre as fases Bacabal e Corumbiara e Pimenteiras, e do que pode ter ocorrido durante séculos de história igualmente compartilhada.

Uma abordagem mais cuidadosa sobre as fases Poaia e Agupé e sobre suas possíveis ligações com as fases Corumbiara e Pimenteiras poderá ajudar a entender melhor a variabilidade presente nesses conjuntos. Esta hipótese é aventada pelas características dos sítios que temos estudado, uma vez que no médio Guaporé há motivos iconográficos que remontam a 4.000 anos, e que no alto Guaporé há a ocorrência do cariapé há pelo menos 2.500 anos (durante as fases Agupé, Poaia, Capão do Canga), fato que até o momento é pelo menos um milênio mais antigo que a ocorrência desse antiplástico no médio curso do rio. Por outro lado, há de se considerar que essa mudança tecnológica marcada na pasta das cerâmicas que ocorre no lado brasileiro do Guaporé parece não ocorrer de maneira tão marcante no lado boliviano, pois nos sítios dos Llanos de Mojos os antiplásticos parecem ser compostos de elementos diferentes daqueles mais recorrentes na Amazônia brasileira, como o cariapé e o cauxi.

Os indícios que temos na Bolívia foram apresentados por Dougherty e Calandra (1984-1985) nas fases criadas para cerâmicas que ocorrem nas proximidades do território brasileiro, mas são encontrados em pequena proporção em relação à amostra total, e somente em fragmentos temperados com cauxi. As cerâmicas do rio Machupo e do sítio Granja do Padre apresentam também o uso do cauxi. Nas cerâmicas em que o motivo Bacabal exciso e suas variantes incisadas ocorreram, o antiplástico era composto prioritariamente de areia, chamote e, por vezes, conchas e caulim. Entretanto, mais ao norte, na cerâmica dos sítios com estruturas em terra de Riberalta descritos por Saunaluoma (2010), o cariapé parece ter sido utilizado mais amplamente, mas em contextos que a princípio não apresentam elementos iconográficos em comum com as cerâmicas do rio Guaporé.

É interessante perceber como ideias expressadas na iconografia da cerâmica podem ter percorrido mais de 300 quilômetros, diversificando-se por vários ambientes, sem que se alterassem significativamente aqueles aspectos mais rígidos da produção de cerâmica, como os componentes da pasta e a morfologia dos utensílios. Com base nessas possibilidades, o estudo das variedades de pasta no tempo e no espaço nos fornece indícios que ajudam no entendimento da diversificação e da multiplicação dos sujeitos que construíram a paisagem do Guaporé e dos Llanos de Mojos. É curioso perceber que, se não temos uma fronteira clara para os padrões de assentamento, uma vez que há um contexto bem difundido de construções em terra por todo o sudoeste amazônico, podemos constatar certos limites para a ocorrência de diferentes tipos de antiplásticos presentes nas pastas das cerâmicas desses assentamentos. Os dados disponíveis indicam que o rio Guaporé demarca uma área de transição entre culturas cerâmicas que possuem em sua pasta, antiplásticos com características amazônicas e outras com antiplásticos com características do Chaco e do alto Paraguai. Sítios com cariapé estão relacionados ao contexto do alto rio Madeira (Zuse, 2014; Almeida, 2014) e às fases cerâmicas dos geoglifos do Acre (Dias, 2006), ocorrendo em território boliviano somente mais ao norte, nos sítios de Riberalta (Saunaluoma, 2010).

5. Para maiores detalhes consultar os gráficos das sequências seriadas em Miller (2009b: 108-110).

Considerações finais

A história da circulação e do compartilhamento de elementos iconográficos pode ajudar a entender os eventos que no passado estavam associados às construções em terra, fenômeno amplamente difundido em todo o sudoeste amazônico, e sobre o qual inicia-se o entendimento sobre a sua variabilidade cronológica e espacial.

Como vimos, determinados elementos que serviram para a comparação de Miller entre a fase Bacabal e as fases do alto Guaporé são encontrados tanto na cerâmica Corumbiara e Pimenteiras quanto nas áreas bolivianas mais próximas ao Brasil. Entender a relação entre as fases Pimenteiras e Corumbiara e a fase Bacabal pode ajudar a compreender a história das nações indígenas que modelaram a paisagem do sudoeste amazônico, pois, segundo as datas disponíveis, há uma sequência de ocupação que apresenta uma continuidade com maior antiguidade no lado oriental do rio Guaporé do que no lado boliviano. Se, por um lado as hipóteses correntes sobre as construções em terra no sudoeste amazônico colocam a difusão do fenômeno em um período tardio na longa história de ocupação da região (ca. 400 AD), por outro, temos no Brasil aterros que contêm mais de 8.000 anos de história e valas que podem ter começado a ser escavadas antes mesmo do século III.

Há de se considerar que o conjunto de construções em terra registradas na bacia do médio e baixo Guaporé pode fazer parte de uma história de ocupação regional mais ampla, em que os sítios arqueológicos se distribuem por uma região cujos contornos situam-se no Brasil, mas que estão relacionados às ocupações contemporâneas conhecidas para os Llanos de Mojos, na Bolívia. O refinamento da cronologia estabelecida para a região possibilitará que as ocupações responsáveis pela formação do registro arqueológico sejam investigadas em detalhes, de forma que os elementos compartilhados na cerâmica possam ser relacionados à variabilidade dos sítios arqueológicos e aos padrões de assentamento encontrados.

Entre os primeiros resultados obtidos em nossas pesquisas na bacia do médio rio Guaporé foi possível identificar um grande número de sítios típicos da fase Bacabal, significando uma ampliação considerável na área de ocorrência dos mesmos (antes restrita ao sambaqui e alguns sítios do entorno), que agora são encontrados em ilhas de terra firme um tanto distantes do sítio Monte Castelo, como o sítio Ilha do Antelmo e em outros assentamentos em áreas mais elevadas do município de São Francisco do Guaporé (Figura 1). Nos levantamentos realizados naquela área têm sido encontradas cerâmicas que podem ser diretamente relacionadas às ocupações Bacabal do Pantanal do Guaporé. As decorações apresentam, além das típicas representações de quelônios, por meio de apliques em vasilhames abertos (pratos), o zonado-hachurado com excisões e suas idiosincrasias (Figura 1 (1-3); Figura 2 (a,b), Figura 3, Figura 5), que compõe o maior número de vestígios decorativos encontrados nas vasilhas da fase Bacabal.

Neste trabalho discutimos os dados relacionados a dois conjuntos de cerâmicas arqueológicas do sudoeste Amazônico, classificados como pertencentes às fases Bacabal e Corumbiara/Pimenteiras. A análise destas fases pelas pesquisas em curso tem apontado que a área de dispersão da fase Bacabal deve ser ampliada, em consideração à influência verificada nos conjuntos cerâmicos que ocorrem subsequentemente por uma vasta região. Percebe-se que a área de ocorrência da fase Bacabal não está restrita ao sambaqui e aos sítios do seu entorno, e que elementos decorativos diagnósticos relacionados à fase – notadamente o Bacabal exciso e o Bacabal Inciso, que possuem datações que recuam a 3.000 aC e relativa estabilidade testemunhada durante três milênios, ao menos, no sambaqui Monte Castelo – ocorrem também em outros sítios da região do médio rio Guaporé e adjacências, como é caso dos sítios Jasiaquiri e Bella Vista, na Bolívia; e dos aterros da tradição Descalvados, no estado do Mato Grosso. Por outro lado, apesar de apresentar elementos decorativos

compartilhados nos vasilhames e características semelhantes no padrão de assentamento dos sítios arqueológicos, elementos mais rígidos da tecnologia cerâmica – como a escolha dos temperos da pasta e a morfologia dos potes – aparecem geograficamente bem demarcados naquele cenário da Amazônia antiga, sendo possível identificar duas tendências culturais diferentes: uma localizada no lado oriental do médio rio Guaporé, com suas pastas amazônicas temperadas com cauxi e cariapé, e outra encontrada do lado ocidental da bacia, na qual as cerâmicas contêm a presença expressiva de chamote, um material antiplástico cuja incidência é muito mais representativa em conjuntos arqueológicos chaquenos e andinos.

O que os dados indicam até o momento é que a distribuição dos conjuntos cerâmicos estudados representa um caso em que as fronteiras entre culturas arqueológicas não são resultado de situações de conflito no passado. Ao contrário, se por um lado as fronteiras bem demarcadas na tecnologia e na morfologia da cerâmica sustentam a possibilidade da presença de uma unidade cultural marcada na história antiga dos povos que habitaram o médio Guaporé, parece ter ocorrido situações de interação social, gerando os correlatos de intercâmbio cultural que são encontrados na forma de elementos em comum presentes em sítios dispersos por uma ampla região arqueológica.

Neste sentido, os dados produzidos pelo PMG apontam na mesma direção daqueles apresentados por Jaimes Betancourt (2011, 2014), quando a autora sugere que o processo de revolvimento de terra no sudoeste amazônico foi fruto de uma gênese multicultural. Entretanto, o período em que o fenômeno ocorre na região pode ser reavaliado, uma vez que há dados sobre ocupações mais antigas do que aquelas relacionadas à formação dos sítios nos dois últimos milênios. Considerando-se as datações produzidas no sambaqui Monte Castelo – que sugerem uma continuidade das ocupações Corumbiara/Pimenteiras remontando uma história de pelo menos 4.000 anos de revolvimentos de terra em uma região adjacente aos Mojos na Bolívia –, o início da história de construções em terra e de interações culturais pode estar vinculado ao Holoceno médio ou a um período de ocupação até mesmo mais antigo, ainda que o registro arqueológico dessas estruturas esteja, em sua maioria, em sítios cujas datações situam-se em um período relativamente bem mais recente (> 500 aC). Está em curso o estudo de contextos que antecedem a presença da cerâmica Bacabal nos sítios arqueológicos do médio rio Guaporé, em que os dados coletados serão utilizados para a investigação sobre a formação dos sítios em relação ao horizonte inicial de construção aterros encontrados em diversos pontos do sudoeste amazônico e áreas adjacentes, como o sambaqui Monte Castelo e outras “ilhas” antrópicas na Bolívia (Lombardo, 2013) e nos estados do Mato Grosso (Migliacio, 2006) e do Mato Grosso do Sul (Schmitz et al., 1998).

Agradecimentos

Este trabalho só foi possível com a colaboração da equipe do IDARON (Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondônia), de Celso Santos Júnior e Sandro Alves, da equipe da Reserva Biológica do Guaporé (ICMBio, REBIO Guaporé); do Departamento de Arqueologia da UNIR, além dos parceiros do ArqueoTrop, Carlos Augusto da Silva, Gabriela Carneiro, Myrtle Shock e Tiago Hermenegildo. Agradecemos ao constante apoio do Prof. Dr. Eduardo Góes Neves, cujo incentivo a esta pesquisa sempre supera o que de mais intenso se possa esperar de um orientador. Thiago Trindade contribuiu com informações valiosas de sua dissertação de mestrado. Os recursos da National Geographic Society foram fundamentais para a execução dos levantamentos e escavações realizados. Carlos Zimpel agradece ao CNPq e Francisco Pugliese à CAPES, pelas bolsas de doutorado.